

COLABORADORES

PAULO ROSAS

Professor de Psicologia do Curso de Pós-Graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco.

CLÁUDIO SOUTO

Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais, professor titular do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da U.F.Pe., tem ministrado cursos nas universidades européias, inclusive na Alemanha.

PESSOA DE MORAIS

Sociólogo, escritor, professor titular da Universidade Federal de Pernambuco.

EARL THOMAS

Professor Catedrático da Universidade de Vanderbilt, Estados Unidos, autor de numerosos livros e ensaios sobre o português do Brasil.

MARIA JOSÉ BANZA DE ARRUDA

Professora da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco, membro da Câmara de Extensão Cultural da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários.

ÂNGELO MONTEIRO

Poeta, estuda Filosofia na Universidade Federal de Pernambuco.

O que é e o que não é Psicologia (*)

PAULO ROSAS

Conhecer a natureza humana, conhecer-se, é um velho desafio que os homens se propuzeram a si mesmos. O preceito socrático não nasceu certamente com Sócrates. E vem sendo, século após século, uma das indagações constantes que os estudiosos se fazem. E não só intelectuais.

Inequívoca sede de conhecimento revelam os homens, expressando-se em diferentes linguagens, conforme o nível de suas aptidões intelectuais, de sua sensibilidade, da massa de informações que tenham adquirido, do estágio de amadurecimento que tenham alcançado e dos padrões dominantes na cultura e grupos que integrem.

O mundo é um mundo de *estímulos*. Mundo de problemas, que nos provocam. Mas, a necessidade de conhecer o mundo, de explicar o universo, na maioria das vezes pode ser reduzida à necessidade de compreender o comportamento do homem situado no mundo.

Conhecer. Decifrar o mundo. Explicar a natureza humana. Compreender-se a si próprio. Revelam os homens inequívoca sede de se conhecerem. Ainda quando afirmam o contrário. Ainda quando acreditam no contrário. Quando temem a descoberta de linhas por demais retocadas de sua individualidade.

Assim é que na tentativa de responder a tão perturbadoras questões, na tentativa de *reduzir as tensões* delas decorren-

(*) Texto experimental

tes, insuportável sem uma explicação plausível, têm os homens elaborado interpretações mágicas, ingênuas; ora, encontrado no sobrenatural a chave de suas dúvidas; ora, conformado-se acríticos como chavões sonoros, aceitos por trazerem o selo do tradicional, ou, inversamente, por representarem *slogans* no momento em moda; ora, em suas visões artísticas, dado livre curso à imaginação, soltado as rédeas da intuição; ou inventado soluções críticas, formulando *hipóteses e teorias*, na condição de cientistas e/ou filósofos.

A *Psicologia*, quer em suas generalizações científicas, quer em suas aplicações e na sua prática, *objetiva a explicação do comportamento individual*. Deve, pois, ser entendida como um conjunto sistemático de conhecimentos elaborados a partir da experiência e da observação controladas por procedimentos técnicos *sensíveis, válidos e fidedignos*.

Os perigos

de muito se falar em Psicologia

Charles S. Steingerg (em *The Mass Communicators*) fala do século XX como sendo "a era da comunicação de massa". Evidentemente, é temerário definir um século, e um século tão surpreendente de conquistas, quando ainda não completamos seu terceiro quartel. Mas, não há como negar que, com o aperfeiçoamento e a expansão dos meios de comunicação de massa, palavras e problemas da linguagem técnica e científica têm se incorporado ao vocabulário comum. No caso da Psicologia, têm muitas vezes se *reincorporado* à linguagem comum (1).

Pessoas sem formação específica — "aprendem" — infelizmente nem sempre de modo correto — através do cinema, rádio, televisão, imprensa e outros veículos tôda uma linguagem a que antes não tinham acesso senão os especialistas. É o significado que decodificam, certo ou errado, favorece a instalação de crenças e atitudes. Isto se dá com a Medicina. Processamento de Dados. Economia. Física. Isto se dá também com a Psicologia.

"No caso da Psicologia", escreve Richard H. Henneman, "o leigo está particularmente sujeito a ser mal informado e confundido pela inexata representação da Psicologia e dos psicólogos apresentada através de filmes, da televisão ou da literatura popular. Muito frequentemente, o psicólogo, o psiquiatra e o psicanalista são apresentados como uma e a mesma pessoa" (2).

Há um certo perigo, há um certo risco de se gerar confusão por muito se falar (por pessoas e meios não indicados) da Psicologia e do trabalho do psicólogo. Romances ou filme *psicológicos*. Modo *psicológico* de vender. Fatores *psicológicos* perturbando (ou promovendo) o sucesso do selecionado brasileiro de futebol. Associa-se a Psicologia aos mais variados campos da atividade humana. À educação. À produtividade. Às relações humanas. Ao ajustamento no trabalho. À felicidade conjugal. À religião. À publicidade. Aos êxitos e fracassos em geral, das pessoas e dos grupos.

Cabe refletir: não parece haver algum exagero em tudo isso? Não estarão os próprios psicólogos contribuindo para chegar aos leigos uma representação inadequada da Psicologia? Há sentido prático ou científico quando se põe o psicólogo a interpretar sonhos, formulários (questionários), entrevistas, testes? A pesquisar o rumor, a moda, o lazer?

Muitos admitem a utilização de técnicas *não objetivas* ou *pouco objetivas*. Isto é: a interpretação se apoiaria sobretudo na experiência, conhecimento e intuição do psicólogo. Evidentemente, há normas que controlam a análise. E essas normas são construídas sobre observações judiciosas. É o que acontece, por exemplo, com a *Psicanálise*.

Outros rechaçam quaisquer dados que não resultem da observação e/ou experimentação objetivas. É comum que assim pensem os especialistas em *Psicologia Experimental*, afeitos ao laboratório, admitindo não sem reservas algumas investigações da psicologia dinâmica, sobretudo as controladas com o emprego de testes. O Professor H. J. Eysenck vem sendo o arauto de tal posição, sobretudo por sua discutida trilogia: *Uses and*

abuses of Psychology (1953), *Sense and Nonsense in Psychology* (1957) e *Fact and Fiction in Psychology* (1965).

Finalmente, há aqueles que defendem o caráter científico da Psicologia, mas aceitam a utilização de técnicas que até o momento não puderam ser formuladas com o rigor de um *taquistoscópio*. Serão, algum dia? Valerá a pena continuar diagnosticando e aconselhando sobre dados subjetivos? Deverá o psicólogo abrir mão de qualquer informe do sujeito, recusando qualquer interpretação dinâmica do comportamento individual?

As indagações acima são vitais para o psicólogo, tendo em vista sua própria percepção da conduta e a seleção dos procedimentos técnicos que empregará.

Na situação atual das investigações psicológicas, é forçoso reconhecer:

a) Há técnicas de que se serve o psicólogo, inegavelmente *válidas e fidedignas*, que asseguram à Psicologia seu caráter científico.

b) Há importantes aspectos do comportamento que não podem ser interpretados sem que se faça apêlo a dados e explicações subjetivas, inclusive à *introspecção*.

Nossa posição pessoal é de abertura para as diversas hipóteses. Entendemos que nós os psicólogos devemos continuar pesquisando, procurando na medida do que nos fôr possível nos desembaraçarmos da discutível validade das interpretações subjetivas. Mas, enquanto não atingirmos a sofisticação técnica de outras ciências, não vemos por que abandonar certas abordagens do comportamento, ainda que pouco objetivas, desde que fundamentadas em observações cuidadosas e delas tenhamos suficiente domínio para evitarmos o cometimento de erros grosseiros.

O que não é Psicologia

Aaron Quinn Sartain e três outros professôres da Southern Methodist University escreveram uma introdução à Psicologia:

Psychology, Understanding Human Behavior. Em vários pontos de sua apresentação, trata-se de obra bastante original. Nela dizem seus Autores que a Psicologia nada tem a ver com mistério ou magia, nada tem a ver com pseudo-ciências, que seduzem os ingênuos. E defendem o caráter científico da Psicologia, em oposição a uma das crenças correntes entre os leigos, de que a Psicologia se basearia pura e simplesmente sobre o senso comum.

Questão sobre que insistimos, na intenção de desfazer algumas daquelas representações inexatas da Psicologia, já referidas neste capítulo.

Psicologia não é magia. — O psicólogo não “lê” o pensamento, nem “adivinha” o passado ou o futuro. Explora o psicólogo procedimentos técnicos de *validade e fidedignidade* comprovadas estatisticamente. Utiliza aparelhos. Testes. Se é preciso apoiar-se em dados subjetivos, controla cuidadosamente suas observações. Dos cursos de Psicologia não sai ninguém habilitado a trabalhar com bolas de cristal. Nem com cartas. Nem a decifrar ocultas significações nas linhas das mãos.

Entretanto, muitas pessoas confundem o psicólogo com uma versão contemporânea do pajé, senão do feiticeiro da tribo. Do adivinho. Curandeiro. Acontece-nos por vezes sermos procurados por clientes ou até abordados por pessoas recém-conhecidas, que perguntam, de sopetão:

— O Sr. não é psicólogo? Então?! Quero ver o Sr. adivinhar o que estou pensando... Como é que acha que eu sou? Tenho dúvida entre estudar Medicina ou Economia, embora pense às vezes em Arquitetura. Qual é a sua opinião?

Evidente é a decepção que sentem quando confessamos estar despreparados para adivinhar seu pensamento. E quando adiantamos ser indispensável minucioso exame para compreendermos sua personalidade e/ou podermos chegar a um aconselhamento vocacional correto. Quando lhes dizemos que a Psicologia “não é mais misteriosa do que a Medicina ou Engenharia” (Cf Sartain e outros).

A Psicologia Nada Tem a Ver com Pseudo-Ciências. — Mesmo que seus criadores tenham sido sinceros. Que seus cultores se suponham cientistas, por ignorarem o conceito de ciência. Nada tem a Psicologia a ver com numerologia, cartomancia, quiromancia ou astrologia. E a frenologia se evidenciou frágil hipótese. Explicações mágicas são quase sempre pitorescas. Contentam aos ingênuos. Mas, não satisfazem ao psicólogo.

Nem se Reduz a Psicologia ao Senso Comum. — Em um notável estudo de “lógica da explanação científica”, *The Structure of Science* (1961) (*), Ernest Nagel observa que ninguém discute seriamente quando se diz que o desenvolvimento das ciências é motivado em grande parte pelos problemas da vida cotidiana. Não padece dúvida de que a “experiência”, no sentido de longa prática, leva a convicções frequentemente aceitas pelo senso comum, muitas vezes confirmadas pelas investigações científicas. Ou, quando nada, justificáveis como hipóteses. Mas, daí não se segue que as ciências sejam meras conclusões “organizadas” ou “classificadas” em um sistema de conhecimentos, fundamentados no senso comum.

Nagel continua em várias páginas, precisando o refinamento da metodologia científica, distinguindo-a da observação não controlada do “conhecimento empírico”, aceita quase sempre por tradição, não comparada a outras observações. O Autor refere-se a qualquer ciência. Tudo isso parece óbvio. E no que toca à Psicologia, convém reafirmar o óbvio com maior rigor. Pois, mais do que em outros campos do saber científico, insinua-se o prestígio da “experiência”, da “prática”, do “senso comum”, quando se trata do comportamento humano.

Nos parágrafos anteriores enfatizamos a oportuna advertência de Sartain e Outros: Psicologia não é magia, nem pseudo-ciência, nem senso-comum. De nossa parte, acrescentamos: clínica psicológica não é “consultório sentimental”, aconselhamen-

(*) Há uma tradução para o espanhol — *La Estructura de la Ciencia* — publicada pela Paidós. Buenos Aires, 1968.

to não se confunde com “direção espiritual”. E relembramos: Psicologia não é Filosofia nem Parapsicologia.

Clínica Psicológica não é Consultório Sentimental. — Bem sabemos do abuso que há em programas radiofônicos e em revistas ditas “femininas”: expressão injusta, pois na realidade são vulgares. Certa vez encontramos em uma dessas revistas muito populares no Brasil uma seção rotulada de “orientação psicológica”, assinada pelo Dr. Anthony King, “médico de Hollywood para casos sentimentais”. Isto não é Psicologia.

O campo é fácil e fértil para charlatães. É desnecessário que o “cliente” sofra o vexame de passar por testes e entrevistas. Nem se faz mistér o esforço de se analisar, para compreender seus próprios problemas pessoais. Suas dificuldades expõe por carta, que assina com pseudônimo. As soluções receberá prontinhas, de público, pelo rádio ou revista a que se tiver dirigido. E geralmente não representa despesa. Mas, nem seu problema terá sido convenientemente equacionado, nem é provável que receba qualquer orientação válida. Em todo caso, isto não seria Psicologia.

Aconselhamento Psicológico Não é Sinônimo de Direção Espiritual. — Não creio que se tenha dúvida quanto à importância da Psicologia na formação do pastor. É evidente que a direção espiritual será mais eficaz se o sacerdote possuir bom nível de conhecimentos psicológicos para compreender o orientando. E admitimos que em alguns casos possam o psicólogo, particularmente o psicoterapeuta, e o diretor espiritual atuar de modo complementar. Mas, cada qual com seus objetivos e suas “técnicas”. Além disso, daí não se segue que deva o psicólogo substituir o sacerdote, nem que este tenha o direito de fazer da direção espiritual psicoterapia.

Psicologia Não é Filosofia. — Há filósofos que mal escondem suas máguas, quando o psicólogo se recusa a compreender a Psicologia como um capítulo da Filosofia. Como velha mãe, resiste a Filosofia em admitir que mais uma de suas filhas seja adulta. Que a Psicologia escolheu como objeto de suas investigações o comportamento individual do homem e/ou do animal,

renunciando ao estudo da alma, que lhe fôra reservado desde o nascimento pela sábia mãe. Seria estulto negar o muito que o psicólogo tem a aprender do filósofo. Contudo, Psicologia não é Filosofia. É bastante examinar a "psicologia" que os filósofos pensam, em comparação com o que pensam os psicólogos: distinguem-se pelo método e pelo objeto formal. Portanto, a só aplicação de antigo preceito filosófico, isto é, de que uma ciência se define por seu objeto formal e pelos métodos que explora, impõe a distinção. Psicologia não é Filosofia.

Há, sem dúvida, inúmeros problemas que interessam tanto ao psicólogo quanto ao filósofo. Um e outro analisam o comportamento lógico: a inteligência, a idéia, o juízo, o raciocínio, processos de elaboração e criação mentais. Um e outro refletem sobre situações, o homem no tempo e no espaço, *aqui e agora*. O existencialismo é uma fonte de inegável riqueza para o psicólogo.

No entanto, um e outro equacionam os mesmos problemas de uma perspectiva diferente. A terminologia é em grande parte diferente, quando examinamos os compêndios de Filosofia ou Psicologia. A focalização metodológica é igualmente peculiar a cada um: especulativa, no caso do filósofo; no do psicólogo científica, no sentido de se basear na observação e na experimentação convenientemente controladas.

O filósofo não se constringe de se opor às "ciências particulares", quando acredita poder ver mais longe. Mais profundamente, por sua intuição. Mais inteligentemente, por sua especulação.

O psicólogo não pode aventurar-se além do que comprova com suas pesquisas, a não ser nos termos de novas hipóteses e novos estudos. Serve-lhe, como a qualquer outro, a recomendação de J.-L. Lebreton: o pesquisador deve ser dócil ao resultado da pesquisa.

Só a Psicologia Filosófica, *que não é psicologia*, é Filosofia. A Psicologia Filosófica, sendo filosofia, está para a Psicologia assim como a Filosofia Social está para a Sociologia,

como a Antropologia Filosófica está para a Antropologia Cultural, como uma "biofilosofia" estaria ou estará para a Biologia.

Psicologia não é Parapsicologia. — Pessoalmente, nutrimos o maior respeito pelas crenças dos homens. Ainda quando duvidamos delas ou as consideramos inconsequentes. Nutrimos o maior respeito pelo esforço honesto de certos homens, que tentam explicar racionalmente suas crenças. Sigam êles um caminho especulativo ou experimental. De modo que respeitamos o trabalho que supomos assim honesto intelectualmente dos especialistas em Parapsicologia. Mas, não podemos conceber, pelo menos nos termos que hoje são realizadas e apresentadas as investigações parapsicológicas, como venham a ser incluídas entre as investigações que os psicólogos promovem.

Até mesmo admitindo que venha a se configurar (ou se configure) na forma de uma disciplina racionalmente aceitável, a Parapsicologia será distinta da Psicologia. Pesquisa o psicólogo a *explicação do comportamento individual*. Não, de uma "paraconduta", *nem de um "metacomportamento"*.

Afinal, vale a pena pensar: por que a maior parte dos especialistas em Parapsicologia é constituída por pessoas advindas de campos do saber alheios à Psicologia? Por que um curso de Psicologia atrai público de interesse definido e um curso de Parapsicologia atrai sobretudo o grande público, curiosos de toda a parte? Por que médicos e psicólogos alimentam tanta reserva, quando se fala de Parapsicologia?

O que é Psicologia

Woodworth e Marquis assim abrem o Capítulo I de sua *Psicologia*: "Que significa um nome? Palavras mudam de sentido; e os nomes das ciências mais antigas não representam seu desenvolvimento no decorrer dos séculos. Tomada em sentido liberal, a Matemática inclui todas as ciências e todos os ramos do conhecimento. A Física é, literalmente, a ciência do desenvolvimento ou da natureza em geral. A Química foi, a princípio, a arte de extrair das plantas sucos medicinais".

Deve assim ter acontecido com tôdas as ciências. Por que teria sido diferente com a Psicologia? A Psicologia não foi exceção. E sobretudo a partir do século passado, com a *Psicofísica*, vêm os especialistas redefinindo a Psicologia, ou redefinindo a perspectiva de que tentam analisar a conduta.

O que é Psicologia? De ciência da alma a *ciência do comportamento individual*, um longo caminho foi percorrido (3). Não seria a Psicologia, ao lado da Fisiologia, um capítulo especial da Biologia? Não se explicaria o comportamento exclusivamente a partir dos reflexos? Ou, ao contrário, seus verdadeiros fundamentos não seriam as variáveis sócio-culturais?

Que quer dizer *comportamento*? Resposta a um estímulo? Resposta, em termos estritamente fisiológicos? Neste caso, continuemos a admitir a interferência do preconceito na percepção? Designa o termo comportamento as atividades do organismo como um todo? Uma resposta global do homem ou do animal? Ou significaria o que certos autores chamam (ou chamavam) de “manifestações da alma”?

Existe alguma diferença entre as idéias de “comportamento” e “fato psíquico”? E por fato psíquico é possível entender também os fenômenos inconscientes?

Perguntas como as acima propostas poderiam ser várias vezes multiplicadas.

Nesta altura de nossas reflexões, e nos limites de uma introdução como a que cabe a um “ciclo básico”, entendemos ser desnecessário esmiuçar a questão, de uma perspectiva histórica.

O essencial é compreender que a Psicologia insere-se entre as ciências do comportamento. Se bem que muito deva à Fisiologia, não é Biologia. Se bem que muito conte com as ciências humanas, não é Sociologia. A Psicologia estuda o comportamento individual, compreendendo-se comportamento como atividade global do homem (ou do animal).

NOTAS

(1) Cf. MANDLER, G. e KESSEN, W. — *The Language of Psychology*. John Willey & Sons — N. York/London, 1962.

(2) HENNEMAN, Richard H. — *O que é Psicologia*. Trad. de José Fernando B. Lomonaco. Livraria José Olympio Editôra. Rio, 1970.

(3) Aos leitores interessados pela questão sugerimos:

a) em nível informativo

HENNEMAN, Richard H. — Ob. cit.

WOODWORTH, R. S. — *Contemporary Schools of Psychology*. N. York. Ronald Press.

KELLER, Fred S. — *A Definição da Psicologia*. Trad. de Rodolpho Azzi. São Paulo. Herder, 1970.

b) em nível sistemático

HEIDBREder, Edna — *Psicologias del Siglo XX*.

MARX, M. H. e HILLIX, W. A. — *Sistemas y Teorias Psicológicas Contemporaneas*. Paidós, Buenos Aires, 1970.